

# Pavilhões do Esquecimento I

Luisa Regina Pessôa

Sua jornada de trabalho chegara ao fim. Mais um dia, como tantos outros, limpando janelas, pisos, banheiros e cozinhas naquelas casas de crianças rosadas e risonhas, adolescentes imperativos e adultos cordiais e sorridentes, mas todos alheios ao seu sofrimento, à sua solidão.....

Estava em Ipanema, bairro chique da zona sul carioca; teria ainda uma longa jornada até a rodoviária. Impossível não pensar e se afligir ao lembrar de seu presente e imaginar o futuro.

Embora exaustivo e rotineiro, seu trabalho de faxineira lhe garantia pão com manteiga e café pela manhã, um prato de comida no almoço, que – dependendo da casa onde estivesse – poderia ser uma comida apetitosa e, ao final da tarde, antes de se despedir, um lanchinho, que iria sustentá-la até o dia seguinte,.....Quando, então, começaria tudo de novo, em outra casa, com outros banheiros, outra cozinha e outras janelas pelas quais avistaria a vida em movimento. Na verdade, mais que a comida que conseguia amearhar aqui e acolá, seu trabalho, dia após dia, lhe permitia não pensar.....

Falava como um autômato com a empregada da casa, respondia às ordens ou reclamações da patroa e até se divertia com a bagunça e a algazarra das crianças, que a fazia lembrar-se dos netos.....

O trajeto até a rodoviária era sempre longo e cansativo. O ônibus lotado, nem sempre com lugar para sentar e quase nunca alguém que se levantasse e lhe desse o lugar reservado aos idosos, como dizia a placa perto do motorista. Com apenas 66 anos, por vezes se sentia como se tivesse 600 anos, como se o peso da solidão e do sofrimento a tivesse feito envelhecer muito mais do que dizia a certidão de nascimento.

Trazia uma sacola consigo; tudo que possuía na vida estava ali: três calcinhas, dois sutiãs, três blusas que havia ganhado de uma patroa de Copacabana e um casaco, além do cobertor, é claro, pois sempre sentia frio durante a noite. O ônibus já estava se aproximando da rodoviária. O movimento era grande por causa do feriado do dia seguinte, todos iam e vinham, causando um burburinho na rodoviária que, ao mesmo tempo em que a incomodava, lhe dava alento, pois poderia passar o tempo olhando as pessoas, conversando com alguém que sentasse a seu lado, antes de se refugiar no seu cantinho preferido, abrigado do vento, do barulho e dos olhares indiscretos das pessoas.

Gostava das vésperas de feriado; as noites se tornavam mais curtas, com menos tempo para pensar, menos tempo para lembrar do passado, menos tempo para sofrer.

O que estariam fazendo nessa véspera de feriado cada um de seus filhos?

O mais novo, jovem e solteiro, certamente iria para alguma cidade de praia com os amigos. Esse gostava de pescar, de passar uma noite no mar, com as varas espetadas na areia; uma roda de samba, umas latinhas de cerveja, uns goles de cachaça e algumas mulheres transformavam uns poucos dias de folga numa festa.

O do meio, tão diferente tanto de físico como de jeito, decerto estaria esta noite preparando um farnel para passar o dia na Quinta e, depois, acabaria a noite na Assembléia, em cantoria, com aquela sua mulherzinha sem graça e faladeira e os dois pirralhos que não largavam da saia da mãe, um desperdício de vida.

E sua filha? O que estaria fazendo naquela noite naquela terra desconhecida?

Não tinha notícias dela ou dos meninos desde de que tinham ido para São Paulo com aquele homem que ela arranhou, um novo marido, ela dizia. Faz quase seis meses, foi quando ficou sabendo que não poderia ir com ela..... Ele, o marido “havia concordado em levar apenas os meninos”; ela, a mãe, havia sido deixada para trás, entregue à própria sorte. Na vida de nenhum dos seus filhos existia lugar para ela....

Desde então, perambulava pelos abrigos de indigentes da cidade à procura de uma vaga, mas em vão..... Parecia que o mundo era formado por uma legião de abandonados, homens e mulheres solitários, desprezados pela vida, que não lhes possibilitou encontrar alguém no mundo para compartilhar a existência na velhice ou, mesmo, pessoas como ela, com alguma instrução, com filhos e netos e que se encontrava ali, cercada de gente por todos os lados e na solidão.

Tinha esperança de conseguir vaga num abrigo público em Bonsucesso; ao visitá-lo para a entrevista, descobrira que existiam muitos mais na sua situação.

Parece que aquele muro alto do Abrigo, que escondia aquela cidade de esquecidos, de abandonados, tinha encantado não somente a ela, pois a lista de espera para uma vaga era grande: só entrava alguém se um dos quase quinhentos internos saísse ou por morte ou por acolhimento de alguma alma caridosa.

Não sabia se rezava para alguém encontrar abrigo na casa de um parente ou amigo ou se para alguém morrer, o que seria mais fácil de acontecer.

A idéia de rezar pela morte de alguém para manter a sua vida a horrorizara no início, mas, depois de alguns meses de espera, havia encontrado muitas justificativas para ansiar pela morte de outro ser humano qualquer, um desconhecido. Para ela, este ser representava apenas uma vaga... De mais a mais, poderia estar paralisado numa cama, sem ouvir, sem falar, sem se mexer, como um vegetal. Quando esteve lá pela última vez, percebeu alguns assim e veio, daí, a idéia de rezar para que morressem logo; junto com essa idéia veio a desculpa que amenizava a culpa: estão sofrendo, a morte amenizaria o sofrimento.

Afinal, por que não morrer logo, para que ela, que ouvia, falava, andava, respirava, trabalhava dia a dia limpando as sujeiras dos outros, pudesse viver?

Só assim ela poderia ter uma cama com colchão, quem sabe um travesseiro, talvez um armário ou um lugar qualquer para colocar suas poucas coisas e não precisar carregá-las mais consigo, como um apêndice inseparável, às vezes nas costas, como uma corcunda, fazendo-a sentir-se como se fosse uma tartaruga, aquele bicho feio e lento que carrega a casa nas costas....

Poderia também urinar a qualquer hora do dia ou da noite, sem precisar se humilhar para a encarregada do banheiro, pedindo para entrar de graça: “sabe como é, a idade, a bexiga caída, a vontade de urinar vem a toda hora..”

- Minha tia, dá tomar conta deste lugar enquanto vou ao banheiro? Meu ônibus demora ainda umas duas horas e não me agüento de vontade de mijar.

- Vai. Sei o que é isso.

O rapaz com roupas coloridas e cabelos longos veio despertá-la de seu sonho acordada e a fez novamente pensar nesta noite de quinta-feira, véspera de feriado. Trouxe-a de novo à realidade, lembrando-a dos três dias que teria que passar ali, sem banheiros e sem cozinhas para limpar, sem janelas para vislumbrar um outro mundo, que não era o seu..... Sem pratos de comidas, sem barulhos dos filhos dos outros, vagando pela rodoviária da cidade, que há mais de seis meses lhe servia de lar.

# Pavilhões do Esquecimento II

Luisa Regina Pessoa

“O homem é um animal capaz  
de formular e de manter promessas”  
Nietzsche

Ficara muda por desejo. Havia cansado de falar...

Quase não me lembro mais de há quanto tempo estou aqui: sete, oito ou nove anos...

Lembro-me, entretanto, do dia em que resolvi emudecer. Faz quase três anos. Mais uma vez estava ouvindo a mulher que dormia ao meu lado direito, que falava e falava incessantemente; estava me contando, mais uma vez, sobre a televisão que iria ganhar no Natal da filha mais velha. Daquela que havia se casado com um vendedor, mudara para um município vizinho e estava bem de vida, tão bem que lhe daria um aparelho de TV no final do ano.

Muda eu estava e muda fiquei, sem conseguir emitir um som, um palpite, uma observação sequer que fosse, carinhosa ou sarcástica, falsa ou verdadeira, agressiva ou irônica.

Naquele momento percebi que o meu silêncio era uma forma de me manter viva....

Logo depois que me aposentei, há quase quinze anos, descobri que o mundo poderia ser muito pior do que já era. Além das noites vazias, passaria a ter a sensação, cada vez mais concreta, da solidão durante os dias.

As perspectivas de trabalhos avulsos, além daquele que fazia no cotidiano, foram diminuindo gradativamente, até não restar mais nenhuma ilusão de conseguir um dinheiro extra ou, o que não era menos importante, alguma ocupação que fizesse os dias passarem mais rápidos, pois já tinha a árdua tarefa de ocupar as minhas noites solitárias naquele exíguo quarto de empregada onde vivia, de favor, na casa de uma sobrinha solteira que trabalhava na Caixa Econômica.

Convivi naquela casa por alguns anos. Tempo o bastante para apreender, através da observação da vida da minha sobrinha, como havia me transformado no ser solitário que era hoje.

Minha chegada àquela instituição foi inesquecível. O primeiro sinal de aproximação foi quando me deparei com aquele muro imenso, o grande muro que circunda o Abrigo.....

O muro, quase uma muralha, reforçava a impressão de segregação física.... Remetendo-me a imagens de espaços marginalizados pela sociedade: os presídios, os manicômios, os conventos religiosos.

O impacto visual reforçava a ideia de que eu estava morrendo para o mundo.....

Ao entrar na instituição, e percorrê-la, pude notar que a organização das construções do complexo asilar – em torno de um eixo monumental, concentrando os prédios nas cotas mais elevadas do pequeno morro central do terreno – acentuava o isolamento e a segregação dos internos, bem ao estilo autoritário da era Getulista.

A monumentalidade das construções que serviam de moradia, os pavilhões, apresentou-se aos meus olhos como grades espaços de dominação.....

A sobriedade das edificações, escuras e úmidas, aliadas à ausência de conservação, de limpeza e de manutenção fez com que se transformassem em locais bastante insalubres.

O interior do pavilhão onde moraria, para o resto da vida, era lúgubre e sombrio, com um odor forte de urina e de creolina que empestavam o ar denso e quente do local....

Havia umas quase 80 camas dispostas lado a lado, como se cada uma de nós devesse sentir o respirar da outra. Mulheres velhas de todo o tipo circulavam pelo pavilhão. Algumas apenas dormiam, outras costuravam, mas todas com aquele ar de alma penada, de esquecidas do mundo.....

Duas delas me impressionaram à primeira vista e me impressionam até hoje: a primeira, uma mulher grande e gorda de vastos cabelos brancos, com uma cama impecável, armário, televisão, ventilador e uma infinidade de bonecas e bichinhos de pelúcia, além daquele ar infantilizado de quem não está mais nesse mundo; a outra, o seu oposto: magra, baixa, pequena, elétrica e falante, delimitou seu espaço com um barbante, construindo paredes imaginárias que a isolavam daquele circo dos horrores.

Aos poucos fui me conformando com o local e seus habitantes – internos e funcionários.

De início, a minha presença ali causava certo espanto; por vezes, algum desconforto, principalmente aos médicos, enfermeiros, assistentes sociais e outros profissionais da instituição, mas, com o passar dos meses, fomos nos acostumando uns com os outros.

Alguns deles, atentos ao meu hábito de ler jornal, revista ou qualquer coisa que caísse em minhas mãos, traziam velhos exemplares, já inúteis em suas casas ou consultórios, e eu me deleitava com as notícias do dia anterior, da semana anterior, do ano anterior, esquecida da existência de um mundo real lá fora.

Nesse último Natal ganhei de um médico – um pouco mais sensível que os demais – um livro: O Mundo de Sofia. Me fez lembrar dos tempos de sala de aula, dos tempos que lecionava, dos tempos que dava aulas de Filosofia no Pedro II